

**INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO PRÓ-SABER
NORMAL SUPERIOR**

JULIANA DE SOUZA VIEIRA

A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA EDUCAÇÃO INFANTIL

Rio de Janeiro

2012

JULIANA DE SOUZA VIEIRA

A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Superior de Educação Pró-Saber como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Normal Superior, com habilitação em Magistério da Educação Infantil.

Orientador: Profa. Elaine Caetano

Rio de Janeiro

2012

V673i Vieira, Juliana de Souza

A importância da família na Educação Infantil / Juliana De Souza Vieira. – Rio de Janeiro: ISEPS, 2012.–
26 p. il.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Superior de Educação Pró-Saber, 2012.

Orientador: Profa. Elaine Caetano

1. Educação. 2. Normal Superior. 3. Educação Infantil. 4. Adaptação.
5. Acolhimento. I.Título. II. Orientador. III. ISEPS. IV. Instituto Superior de Educação Pró-Saber.

CDD 372

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do Pró-Saber

JULIANA DE SOUZA VIEIRA

A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

com habilitação em Magistério da
Educação Infantil.

Defendido e aprovado em novembro de 2012.

EXAMINADORES

Profa. Elaine Caetano
Orientadora

Profa. Dra. Cristina Laclette Porto

Profa. Esp. Maria Delcina Feitosa

LICENÇAS

Autorizo a publicação deste trabalho na página da Biblioteca do Instituto Superior de Educação Pró-Saber, tornando lícita sua cópia total ou parcial somente para fins de estudo e/ou pesquisa.

Esta obra está licenciada sob uma Licença **Creative Commons**, maiores informações <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/3.0/>.

Rio de Janeiro, de dezembro de 2012.

JULIANA DE SOUZA VIEIRA

Dedico este trabalho em especial a minha mãe, que sempre foi o alicerce para minhas conquistas. Apesar de ter passado por momentos difíceis, nunca deixou de me apoiar, muitas foram às atribulações até sua recuperação, mas graças a Deus passou. Vencemos graças a sua força de vontade e garra. Mesmo passando por todos esses problemas, lá estava ela, todos os dias, na janela a me esperar pedindo a Deus e à Nossa Senhora que me livrasse de todo o mal. O suspiro de alívio pela minha chegada vinha ao me avistar na esquina da rua.

Agradeço as palavras de incentivo do meu pai, que surgiam como sustância no meu caminhar, quando o desânimo persistia em aparecer. Sua ajuda foi essencial para que eu conseguisse chegar até aqui.

Ao meu irmão, agradeço pela força e apoio que me passou durante esse três anos de estudo.

A minha prima Suely pela persistência em me incentivar.

Não poderia deixar de dedicar à Rosângela, diretora da Creche Doutor Paulo Niemeyer, que acreditou que eu seria capaz de alcançar.

Às crianças e suas famílias, que são minhas fontes de inspiração para a escrita deste trabalho.

Agradeço aos professores do Instituto Superior de Educação Pró-Saber, por todo o conhecimento adquirido durante os anos que passei aqui e que se perpetuará ao longo de minha trajetória profissional e pessoal.

Enfim, agradeço a Deus por ter me dado força e perseverança para mais essa conquista de muitas, que com certeza estão por vir.

“Tanto a família como a escola são instituições sociais responsáveis pela formação e estruturação de indivíduos. Portanto, são instituições veiculadoras de valores éticos, políticos, sociais e morais. Ambas criam espaços de vivências nos quais aprendemos a ser gente tanto no que diz respeito à formação de valores como ao aprendizado de inserção e compreensão do mundo.”

Fátima Dowbor

RESUMO

A busca pela participação da família na creche pode ser o início de uma parceria que fará a diferença na vida das crianças na instituição, também facilitará o trabalho do professor. A compreensão de situações que acontecem no dia a dia favorece o entendimento entre a escola e a família. A parceria não implica simplesmente em estabelecer vínculos, mas também em buscar caminhos, alternativas e novas estratégias para o bom desenvolvimento do trabalho com as crianças.

Palavras-chave: Educação. Educação Infantil. Adaptação. Acolhimento.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. BUSCA POR MUDANÇAS SIGNIFICATIVAS	13
2. A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA DURANTE O PERÍODO DE ADAPTAÇÃO NA CRECHE	16
3. COMO ESTABELEECER PARCERIAS COM AS FAMÍLIAS	22
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	28

INTRODUÇÃO

O tema de minha monografia teve o nascimento como pano de fundo de uma festa de aniversário de uma criança, cujos pais participaram. Ao observar o interesse das crianças ao rodearem os pais presentes, atentei-me para o quanto ficam satisfeitos com a presença de outros membros inseridos no grupo. Acredito que os pais também ficaram satisfeitos com a reação dos filhos e dos colegas da creche.

Durante toda a festa, percebi o interesse dos pais em saber como era nosso trabalho, como fazíamos para dar conta de todas as crianças, como eram realizadas as atividades pedagógicas. Estas perguntas surgiram por motivos simples e aparentes de falta de comunicação, entre a creche e as famílias. As reuniões são sempre para cobrar algo para dos pais e nunca para pedir a ajuda para melhorar o andamento do trabalho e o desenvolvimento das crianças. O que torna ainda mais difícil o interesse dos pais em participar das reuniões. Dessa forma, cria-se uma resistência que precisa ser trabalhada para ser revertida.

O que mais me preocupa é a falta de interesse da direção em estabelecer comunicação com os pais. Essa necessidade se torna nítida, quando nos deparamos com situações que precisam da presença deles. Muitos se negam a comparecer. Como mudar essa realidade?

Essa é uma pergunta que me faço, quase todos os dias, e tenho a certeza que somente mudará, quando a direção sentir a necessidade de estabelecer outra relação e inserir os pais na creche. Muitas famílias percebem a creche somente no âmbito assistencialista e não se dão conta do trabalho pedagógico que é desenvolvido, ou seja, que hoje, as instituições de educação infantil pertencem ao âmbito da educação.

Ao perceber o déficit da participação dos pais em tudo que acontecia na creche a aflição parecia tomar conta de meu incômodo, no entanto, acredito ter me sentido assim pelo que aprendi até hoje no Instituto Superior de Educação. A importância do olhar traz à tona questões que podem não serem visíveis por todos que são capazes dessa mudança, a iniciativa por trilhar caminhos diferentes sempre darão oportunidades de um novo começo.

A busca por novas estratégias mostram uma tomada de consciência apontada pelo profissional como tentativa de melhorar o que não está bom. Refletir sobre o cotidiano é perceber as situações que nos afligem e as que nos deixam motivados ao trabalho, através dessas observações consegui escolher o tema de meu trabalho monográfico que passo a apresentar nos próximos capítulos.

1 A BUSCA POR MUDANÇAS SIGNIFICATIVAS

Não realizei uma pesquisa de campo direta, pois não observei situações com o propósito de incluí-las na monografia, no entanto, durante a escrita, lembrei-me de situações que puderam contemplar ainda mais meu trabalho. Mesmo sem ter noção do tema que iria abordar, às vezes, me pegava pensando em situações do cotidiano da instituição em que trabalho atualmente e nas que já trabalhei. Essas observações me fizeram refletir e aguçaram meu desejo de mudança.

A metodologia que vivenciei e aprendi no Instituto Superior de Educação Pró-Saber (ISEPS), me proporcionou uma oportunidade de crescimento profissional e pessoal. A escolha do que se almeja pode ser simplificada, quando é feita uma tomada de consciência do que se passa e do que se pode buscar. Através dos registros escritos, esta afirmativa se confirma ainda mais, pois o registro é um exemplo de um trabalho, que foi entendido ou não, e ponto de partida para reflexões, questionamentos, dúvidas, idéias e até mesmo sugestões para um bom andamento futuro.

Para conseguir alcançá-lo foi necessário romper com as dificuldades que apareceram ao longo da trajetória, pois os benefícios que ele proporcionava fizeram-me refletir e repensar novas práticas e atitudes.

A parceria entre família e escola é um grande facilitador para o bom desenvolvimento das crianças. Para o professor é também de grande importância, pois auxilia na compreensão de atitudes e comportamentos que possam estar ligados a fatos do cotidiano familiar, que influenciam no processo de aprendizagem e de socialização da criança.

A família desempenha um papel importante na formação do indivíduo, pois permite e possibilita a constituição de sua essencialidade. É nela que o homem concebe suas raízes e torna-se um ser capaz de elaboração e alargador de competências próprias. A família é, portanto, a primeira instituição social formadora da criança. Dela depende, em grande parte, a personalidade do adulto que a criança virá a ser. (MOURÃO, 2012)

Busquei também, através das aulas de psicologia e comunicação, relatos que me ajudaram durante a escrita, pois estavam diretamente ligados a meu tema. Durante as aulas buscava fazer notas imediatas, com intuito de poder analisá-las para compreender algumas situações vivenciadas por mim e pelos meus colegas de turma. Essas aulas foram muito ricas em conteúdos e nortearam uma "pesquisa" de alguma forma através dos esclarecimentos e questionamentos levantados pela professora e pelo grupo.

É preciso dar valor ao que os pais trazem e sabem para que a mudança ocorra de maneira eficaz:

O tema da relação entre as famílias e os serviços educacionais acompanhou desde sempre a história das experiências das escolas de educação infantil, pela própria evidência e pela importância que tem para uma criança pequena o apego com a própria família, assim como desenvolvimento de uma experiência extrafamiliar como a de frequentar um serviço para a infância. (FORTUNATI, 2009 ,p.49)

A busca por maneiras para abordar uma situação deve ser sutil, de modo que não cause desconforto para ambas as partes. Através dessa tomada de consciência, o professor passa a ter mais autonomia e segurança em determinados assuntos referentes à relação com a família.

A escola, portanto também necessita dessa relação de cooperação com a família, pois os professores precisam conhecer as dinâmicas internas e o universo sócio-cultural vivenciados pelo seus alunos, para que possam respeitá-los, compreendê-los e tenham condições de intervirem no providenciar de um desenvolvimento nas expressões de sucesso e não de fracasso diagnosticado”(CAETANO, 2003)

As falas e explicações sobre o desenvolvimento das crianças passam a ter mais importância para os pais, a partir do momento em que passam a ser respeitados, e suas experiências ganham espaços na instituição. A divisão de responsabilidades ficam aparentes durante exposições nas reuniões, em que os pais participam, pois não são apenas cobrados e sim convidados a participar dando opiniões, expondo dúvidas e também sugerindo novas estratégias trabalho.

Assim como os professores trabalham as descobertas, os interesses e as necessidades das crianças, assim como o coordenador trabalha as necessidades e os interesses do professor, deve existir um profissional que trabalhe os interesses e necessidades dos pais.[...]Neste trabalho com os pais, quem trabalha com eles? [...] 1. O professor:Estabelecendo canais de comunicação para passar seu trabalho no dia a dia para os pais;Assumindo o ápice desse trabalho do dia a dia na reunião de pais sobre sua coordenação; [...] 2.

Coordenador: Responsável pelas entrevistas individuais (que trabalha uma evolução de descobertas por parte dos pais). Nessas entrevistas (ou do que o professor observou de interesse na sua reunião) pode selecionar interesses, temas que estão desafiando os pais na relação com seus filhos e propor uma reunião sobre esse tema[...]Trabalhar com os pais; Não é infantilizar os pais propondo que desenvolvam as mesmas atividades que seus filhos na escola, pois isto é o mesmo que dizer para que eles que eles não sabem refletir sobre sua prática com os filhos. É resgatar o que os pais sabem, de intuição e bom senso, pois também são educadores: [...] É ler seus interesses, desafios e necessidades, devolvendo para pensarem, refletirem juntos sobre “o que é educar?”. Para que cada um opte e construa seu caminho na sua relação com a educação de seu filho.
(FREIRE, 2008, p.147)

As reuniões podem se tornar mais prazerosas. No entanto, a autora ressalta que: “a formação inicial dos professores de educação infantil tem sido apontada como fonte de obstáculos para uma produtiva relação entre a instituição educacional e a família”. A mudança só se inicia, quando o incômodo sentido pelo profissional se repete.

2. A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA DURANTE O PERÍODO DE ADAPTAÇÃO

Essa é fase da vida da criança em que ela inicia sua trajetória no contexto escolar. Tanto ela como os pais devem ser rodeados de acolhimento e segurança. A confiança conquistada durante o período de adaptação é um fator primordial para estabelecer uma boa relação entre família, professoras e a creche. Esta é adquirida ao longo do ano letivo, quando há abertura para que isso aconteça, estabelecendo-se vínculos com as crianças e lhes proporcionando segurança. A relação deve privilegiar o respeito e o profissionalismo para lidar com as situações que surgirão no dia a dia. E como estabelecer relações com os pais, durante o período de adaptação, se esse momento não é reconhecido, pela instituição como uma adaptação?

Na creche em que trabalho, a família não participa efetivamente da adaptação da criança, o que torna ainda mais difícil sua inserção no grupo escolar e a passagem pelo processo de separação da mãe. Confesso ter me espantado ao me deparar com isso, pois já trabalhei em outra creche em que a família participava da adaptação das crianças. Esse momento é de apresentação de um novo espaço, de conhecimento de novas pessoas, de oportunidade de desenvolver novas habilidades e de busca de novas experiências. A apresentação desses novos conhecimentos deve ser feita em companhia da mãe ou de algum membro da convivência familiar. Percebo que as crianças, ao serem inseridas na creche, não se sentem seguras ao se depararem com pessoas que nunca viram, o que causa mal estar no profissional e na família.

Percebia que, quando convidadas, as mães participavam e mostravam a necessidade de conhecer o espaço, os profissionais e a rotina. Cada movimento da criança as deixava apreensivas, com o olhar fixado e preocupado com o que iria acontecer. Cada descoberta de um novo espaço representava uma conquista para as mães e as crianças. Apesar de algumas crianças, mesmo na presença da mãe, não se sentirem seguras para exploração do ambiente, demonstravam estar conhecendo o novo espaço de outra maneira. Sentíamos, então quando havia a necessidade de

acompanhamento específico para que a criança e a mãe se sentissem seguras para os novos conhecimentos, deixando sempre claro que cada um tem seu tempo.

O processo de separação da mãe da criança não é fácil para ambas as partes. Simbiose é normal. a criança funciona como se ela e sua mãe fossem uma unidade dual dentro de uma fronteira comum.

A adaptação à escola de educação infantil não só um representa um acontecimento de transição e mudança para as crianças e os pais, como é também o teste das ideias dos adultos sobre as potencialidades das crianças e sobre o acontecimento da separação. [...] Também por esse motivo, muitas das conceitualizações que ainda amadurecem no seio do desenvolvimento da clássica teoria do apego se mostram incautamente resumidas demais em relação a, pelo menos três tipos de questões [...] à pouca consideração das efetivas potencialidades das crianças diante da experiência da expansão e da mudança do próprio e habitual contexto de vida; [...] à suposição de que o habitual contexto de vida de uma criança pequena antes da experiência da escola de educação infantil se caracterizaria por uma alta estabilidade ambiental-relacional; [...] ao superdimensionamento da função mediadora das figuras dos adultos no contexto da primeira adaptação das crianças na escola de educação infantil (FORTUNATI, 2009 , p.49)

Havia dificuldade de algumas mães de deixarem seus filhos na creche. Acreditei que fosse por falta de segurança, pois elas nem foram informadas sobre os nomes das professoras que estariam com seus filhos. Por não obterem informações, demonstraram estar preocupadas com a situação e o que me afetou foi a indignação delas quanto ao fato de sequer terem oportunidade de expor seus sentimentos em relação ao que estava acontecendo. Deixar seus filhos chorando, sem ao menos ter um colo para acalotá-lo é uma sensação de abandono para ambos. Por isso, a necessidade e importância do acolhimento. Respeitar o tempo da criança é fundamental, pois está passando por uma fase de transição para um novo ambiente a ser explorado e conhecido. Essa necessidade de acolhimento é descrita por Winnicott como Holding, que segundo o psicanalista, é uma porção básica de cuidado. (WINNICOTT, 1983, p.26)

No entanto nessa fase de adaptação algumas mães não se sentem capazes de lidar com a separação e muitas vezes se culpam, o que é denominado por ele de holding deficiente, pois há uma falta, uma sensação de despedaçamento, de estar caindo num poço sem fundo, um sentimento de que

a realidade exterior não pode ser usada para reconforto interno, e outras ansiedades que são geralmente classificadas como “psicóticas”.

Para a mãe, a dificuldade de deixar seu filho com outra pessoa é normal, no entanto, esse processo exige seriedade para que não se transmita insegurança para a criança. É um desafio para as duas.

O conceito de “Holding” significa segurar e engloba tudo que a mãe é, e faz, para cuidar de seu filho: contato visual e físico, comunicação verbal. A criança começa a constituir-se sujeito através do olhar e do contato físico. O toque e o vínculo corporal precisam acontecer antes de qualquer coisa. A amamentação é um reconhecimento da criança com a mãe e também é um fator fundamental para a saúde física e emocional, pois proporciona momentos de atenção exclusiva e contato físico.

Mudar o ritmo de vida e adequar as situações que serão expostas em outro contexto que tem regras diferentes das do lar, num convivência com pessoas que não fazem parte da família, é uma tarefa árdua que precisa ser consciente para que se estabeleça confiança, segurança e relação de parceria. Devemos nos atentar para as emoções, pois seu reconhecimento é muito importante na formação do sujeito.

Para Winnicott, os estímulos ambientais de forma gradativa auxiliam na aquisição de segurança, pois proporcionam mobilidade, confiança de ir e vir; o que facilitará a adaptação no novo ambiente.

Quando oferecemos segurança, fazemos simultaneamente duas coisas. Por um lado, nossa ajuda livra a criança do inesperado, de um sem-número de intrusões indesejáveis e de um mundo do que ainda não é conhecido ou compreendido. E, pelo outro lado, protegemos a criança de seus próprios impulsos e dos efeitos que estes possam produzir. (WINNICOTT, 1997, p45).

Margareth S. Mahler também nos ajuda a entender este “processo de separação e individuação”. A criança se percebe como ser destacado do mundo, particularmente, no que diz respeito ao seu próprio corpo e ao primeiro e principal representante do mundo para a criança: sua mãe. A criança começa a entender o mundo através da fala e do olhar que lhe é transmitido pela sua mãe, por isso a importância de falar e dar sentido às coisas para que a criança assuma suas próprias características individuais.

O processo de separação-indivuação implica a aquisição pela criança de um funcionamento autônomo na presença da mãe com relação à sua disponibilidade emocional. A criança somente alcança essa conquista com ajuda da mãe, pois é necessário que lhes sejam transmitidas segurança e confiança para essa aquisição. Esses processos nos ajudam a entender melhor a fase pela qual a criança está passando no momento e facilitarão as possíveis intervenções.

São divididas em subfases:

- Diferenciação:
Confrontar-se com a mãe deslocando-se corporalmente é o sinal mais importante de que o bebê iniciou o processo de diferenciação corporal psicológico. (cinco a oito meses)
- Treinamento:
 - Primeiro tempo: necessidade inicial de se reabastecer, voltando para junto da mãe para depois se afastar, e também contato visual e auditivo com a mãe quando se afasta. (nove aos doze meses)
 - Segundo tempo: Há uma queda nas atividades da criança nesta subfase, quando longe da mãe, torna-se mais vagarosa nos gestos e movimentos; seu interesse no mundo externo diminui e ela parece concentrar internamente sua própria atenção, ocupada em “imaginar” a mãe. (doze aos dezoito meses)
 - Reaproximação: A ausência da mãe nesta subfase pode gerar atividade e inquietação crescente, ao contrário do que acontece na subfase de treinamento. Esta hiperatividade pode ser vista como defesa contra a percepção de tristeza pela ausência da mãe. A criança nessa subfase tem muito medo do abandono, ou seja, perda do objeto afetivo. (dezenove meses aos vinte quatro meses)
- Consolidação da individuação da Constância do objeto emocional:
Aumento da confiança e segurança na ausência da mãe, porque esta pode ser substituída por uma imagem interna. (vinte e quatro a trinta e seis meses)

Existem estratégias para facilitar a superação dessas fases com êxito, no entanto, é preciso saber como encaminhar bem o que deve ser feito com intuito de ajudar mãe e criança nesse momento. A necessidade da criança ouvir a voz da mãe, quando se afasta dela é uma maneira de se sentir segura, dar nomes aos sentimentos também é uma maneira de ajudar a criança a superar essa insegurança normal.

Assim que a criança começa a andar, se sente capaz de explorar todo o espaço, sentindo incômodo, quando não lhes é proporcionado este primeiro momento de amor com o mundo. É importante que se dê oportunidade para esta descoberta, mesmo sabendo que a criança precisa se abastecer e que o demonstre sentindo a necessidade de voltar para colo da mãe. Quando se sente insegura, a ausência da mãe pode causar inquietação. É preciso que a mãe tenha capacidade de tolerar a ambivalência para que a criança saia da mesma com conforto.

Ler histórias tem grande importância nesta fase, pois possuem função transicional pelo afeto de satisfazer a necessidade de se distanciar e explorar um mundo maior através da simbolização e da fantasia. A partir do momento que a criança se entrega ao jogo simbólico, ela consegue superar a ausência da mãe, começa a descobrir o mundo, lidar com algo que ainda não entende, busca explicações para suas dúvidas e tende a simplificar o que quer através dele.

Etapas de Individuação que tornam possível à criança um funcionamento a uma distância maior, sem a presença física da mãe: [...] Desenvolvimento da linguagem em termos de nomear objetos e expressar desejos com palavras específicas [...] Utilização do pronome pessoal "eu" [...] Habilidade de reconhecer em fotografias a si próprias e seus familiares. [...] O processo de internalização que pode ser indeferido, tanto através da identificação com o "bom"-mãe/pai provedores, como a internalização das regras exigências (início do superego) [...] O processo na habilidade de expressar desejos e fantasias através do jogo simbólico, assim como o uso do jogo para exercer o domínio. (LACOMBE, 1993)

O professor pode ajudar a mãe no período de adaptação, explicando a elas cada situação vivenciada e sua normalidade. Através das falas e explicações, as angústias darão espaço à segurança. A criança tem muito medo do

abandono e a mãe se sente impotente diante dessa situação de separação ou quando necessita da ajuda do outro para cuidar de seu filho. O professor precisa intervir, oferecendo a elas o apoio necessário para que consiga superar este processo com êxito. Durante o período de adaptação na creche em que as mães participam é importante mostrar a elas e às crianças que estão sendo inseridas em um novo ambiente, que é diferente do familiar, contendo regras e normas específicas da instituição. A mudança de hábitos pode ser alcançada com facilidade, desde que a mãe saiba como encarar e lidar com seriedade diante da aflição e angústia que as invade.

O sujeito que é marcado pela confiança passa a ter nele e nos outros, conteúdo para alcançar a autonomia. O processo de autonomia é marcado pela esperança, o olhar que dá nascimento faz com que a esperança renasça, caso tenha sido afetada por algum motivo.

A criança constrói a confiança através do vínculo de vida. Quando há vínculo se considera que a criança está bem o que favorece o acolhimento, quando não há vínculo se cria um mal estar, dor desconfiança, abandono e irritação. A criança que adquiriu a confiança básica tem capacidade para enfrentar as dificuldades.

A construção do objeto permanente também ajudará a criança durante a adaptação na creche. Uma grande angústia as invade, quando as coisas somem ou vão embora. Para a criança, é como se tivessem desaparecido para sempre. Segundo Piaget, a construção do objeto permanente é necessária, ou seja, a capacidade de saber que as coisas vão, mas voltam, que mesmo saindo continuam a existir. A criança passa a perceber, a partir da fala da mãe, que ela sai mas volta.

A educação do contexto familiar influencia no desenvolvimento da autoconfiança da criança, formando-a e constituindo-a, enquanto ser humano completo. Os anseios, os desejos e as expectativas familiares que envolvem a criança, promovem bem estar e equilíbrio quando dosados e colocados à disposição da maneira correta. (MOURÃO, 2012)

Essa fase da criança é rodeada de conflitos entre a desconfiança e a confiança que fazem parte dessa construção que favorece que a criança adquira a esperança.

3 COMO ESTABELECE PARCERIAS COM AS FAMÍLIAS

Estabelecer parcerias pode não ser tão simples como parece. É o início de uma relação de interesses entre os pais e a instituição. Para que essa parceria aconteça é necessária uma mudança de hábitos, a começar pela dinâmica que o professor utiliza ao conversar com os pais, informalmente ou em reuniões.

A reunião de pais é o espaço determinado para interação, troca, diálogo. Reunião de pais não é meramente uma data que “cai do céu” para avisos administrados ou más notícias sobre os filhos... Ela é o momento em que colocamos temas significativos que envolvem tanto a nós professores na relação com nossos alunos, quando os pais na relação com seus filhos. Temas como limite, rotina, agressividade, sexualidade etc., que fazem parte do nosso dia a dia, devem ser devolvidos como pontos da pauta da reunião, em que os pais e professores se coloquem em seus desafios, podendo em muitas situações, a escola lançar luzes para o entendimento dos pais de sua importância enquanto educadores, na relação com seus filhos. (FREIRE, 2008, p. 146)

Acredito que a partir dessa nova forma de expressão, as mudanças serão possíveis para os pais. Quando eles conhecem ou possuem autonomia ao falar pode ser o início de uma relação de cumplicidade e ajuda. Essa forma de buscar os pais para uma participação ativa na instituição fará permear interesses e vontade de mudança. Segundo Madalena Freire deveria existir um profissional específico para trabalhar as necessidades e interesses dos pais, tendo em vista obter um canal de comunicação para estabelecer uma relação aberta, com diálogos, e não simplesmente falas sobre a criança na instituição. Caetano afirma que é importante uma “determinação conjunta em oferecer uma experiência construtiva, que torne a criança melhor, tanto em relação aos conhecimentos escolares, quanto aos valores e princípios que nortearão a sua conduta” (CAETANO, 2003).

Na Creche que trabalho percebo a dificuldade de se estabelecer relações com as famílias, no entanto, a partir de algumas falas sobre o tema, estou percebendo uma pequena mudança por parte da direção.

Relatarei, em seguida, uma situação que ocorreu em uma creche localizada no Rio de Janeiro.

Numa tarde após as crianças terem acordado, recebemos a notícia que deveríamos sair da sala, pois havia sido iniciada uma operação na comunidade. Minutos depois entrou na creche um rapaz, aparentemente com medo, com a respiração ofegante, dizendo que havia ido pegar a criança. Logo a professora se assustou e disse não poder liberar a criança naquela situação, mas o rapaz não satisfeito, foi até a direção e tentou de alguma forma explicar o que estava acontecendo. A diretora da creche, então, pegou a ficha da criança e tentou contato com todos os telefones contidos nela e não obteve sucesso. Na ficha da criança também não havia contatos emergenciais, o que foi deixando a situação ainda mais complicada. Uma professora, então, pediu que o rapaz o acompanhasse até a casa da criança e descobriu-se assim uma triste surpresa: essa criança não tinha um endereço fixo. Seus pais estavam presos há algum tempo.

Venho por meio deste relato, reforçar a importância da direção e dos professores estarem cientes da situação em que as crianças vivem para melhor atendê-las. Como cobrar certas coisas, se ao menos sei do histórico desta criança?

Percebi que após esse acontecimento, aumentou a preocupação da direção em buscar mais a participação da família na creche para prestar esclarecimentos. No entanto, essa preocupação somente ocorreu por conta desse episódio e pelos problemas que acarretariam à direção, se algo tivesse acontecido com a criança naquele dia.

Ao ingressar na creche, a única exigência e a realização da matrícula. A entrevista somente é feita uma vez, quando a criança entra e independe se permanecerá por alguns anos na Instituição. Essa entrevista deveria ser feita com um pouco mais de empenho e compromisso por parte do profissional, pois deveria ser dele o interesse de buscar a família.

Após participar das aulas de Psicologia e Comunicação, o meu olhar ficou ainda mais diferenciado e apurado em relação à importância do conhecimento prévio da vida social da criança. Esse conhecimento possibilita proporcionar a ela, o atendimento adequado, no caso dela precisar ser assistida de maneira diferente das demais.

Um exemplo é o do que aconteceu em uma creche localizada no município do Rio de Janeiro, aonde uma criança veio a falecer com problemas

cardíacos. Apesar das professoras sinalizarem os problemas que aconteciam com a criança, frequentemente, a mãe e a direção não se manifestaram. Evitava-se muitas vezes falar, para não causar má impressão na mãe, que poderia interpretar o caso como um preconceito com a filha. Os relatos feitos pelos professores junto à direção seriam um respaldo para melhores esclarecimentos futuros e facilitariam o entendimento do caso ocorrido. Através da fala de uma colega, percebi a insistência em argumentar sobre o estado de saúde da criança, o que, muitas vezes, não foi levado em conta.

Vim por meio deste exemplo, trazer a dificuldade de alguns pais em aceitarem os problemas dos filhos de forma natural. Na verdade, isso acontece pois os pais tem medo de que seus filhos não sejam bem aceitos no grupo. Isso ocorre muitas vezes, inconscientemente, como foi esclarecido pela professora Elaine, que nos trouxe o exemplo de uma mãe que não aceitava a cegueira da filha enquanto o pai encarava a situação de uma maneira diferente, demonstrando saber como lidar com a especificidade da filha.

Acredito que mostrando como é o trabalho desenvolvido é possível mudar a realidade e ajudar os pais inseguros na superação. Tem coisas que os profissionais não sabem como acontecem, no entanto, podem ser resolvidas através de uma parceria com os pais.

Luciana Caetano, apoiada em Paro, relata que parece haver, por um lado, uma incapacidade de compreensão por parte dos pais, daquilo que é transmitido na escola; por outro lado, uma falta de habilidade dos professores para promoverem essa comunicação.

A importância de saber o que acontece fora e antes da escola na vida dos educandos, para o acolhimento, é primordial. Devemos buscar a participação dos pais não só como contribuição, mas também para saber como está o desenvolvimento da criança. Essa participação precisa ter um fundamento.

Durante uma aula de Psicologia e Comunicação, diversos assuntos relacionados à participação da família na educação infantil surgiram. Trago alguns deles para dividir com o leitor:

A mudança da reunião de pais a partir da mudança da fala dos profissionais, instigaram a vontade de participar, pois foram abertos espaços

para exposição e esclarecimentos. Sendo assim, a participação vem crescendo na reunião de pais dessa colega de turma.

Reunião de pais é a chance que temos para mostrar o trabalho realizado, apesar de sabermos deste comprometimento, muitas de nós não tem oportunidade e abertura durante as reuniões. Por conta disso, muitas de nós sentem desprazer nas reuniões assim como os pais, pois não opinar pode causar desconforto.

Algumas alunas relataram como são feitas as reuniões e o prazer de poder participar ficou nítido nas falas, o trabalho que é feito, as conquistas e experiências bem sucedidas ou não e os problemas a serem resolvido podem ser compartilhados. Mostrar o trabalho realizado é tudo, a proposta pode mudar de rumo com as questões levantadas pelos pais, pois é com as falas trazidas por eles que podemos reinventar o que não está bom ou trazer novas estratégias.

Na creche que trabalho, não percebi uma abertura para que as auxiliares participem da reunião, no entanto, acredito que isso aconteça, pois elas muitas vezes não fazem mesmo questão de participar. Não sei bem se é apenas por ser aos sábados ou por não se sentirem confortáveis. Os comentários são feitos de forma superficial, sem que uma ênfase nas produções, criações e desenvolvimento das crianças seja feita. Muitos pais vão para cumprir uma obrigação ou porque precisam estar presentes receber o benefício oferecido pela Prefeitura. Acredito que isso acontece, porque as reuniões não são interessantes para os pais. Muitas vezes, o assunto é pertinente ao comportamento da criança que, na verdade, não é pode ser comentado afim de não causar constrangimento, para

O constrangimento pode causar o afastamento dos pais da instituição o que dificulta ainda mais o estabelecimento de parcerias. Durante a reunião de pais, é importante mostrar as produções das crianças até mesmo através de filmagens e fotografias, com intuito de mostrar o que as crianças fazem nesse espaço de desenvolvimento e ajudar a mudar o pensamento de alguns pais de a creche é apenas assistencialista. Esse reconhecimento fortalece a confiança da família, instiga o trabalho das professoras e aguça os desejos das crianças. Através da mudança acontece o crescimento, pois os pais passam a ter um novo olhar para a criança. Ao trazer propostas de suas vivências, os pais

ajudam os profissionais, mesmo que indiretamente, a elaborarem a ordem pedagógica. Dar vez e voz e levar em conta o que estão nos trazendo, não significa acatar tudo o que dizem e sim levar em conta a vontade de mostrar o que almejam sabendo que existem limites e que devem ser discutidos com seriedade e sempre no diálogo.

O diálogo é um fator principal na resolução de impasses e problemas que acontecem nas instituições de Educação, sabemos o quando é difícil para alguns pais separarem certas situações, como o ciúme que muitos deles sentem pela professora. Esta sensação acontece com frequência porque mãe não aceita a professora e pode causar rivalidade entre ambas, o que dificultará essa relação. A dificuldade da mãe também é vista em outros avanços adquiridos pela criança na creche, como a autonomia adquirida com facilidade, o primeiro passo quando acontece na creche, o uso do sanitário, e até mesmo o distanciamento do objeto transicional, se a criança fizer uso. A mãe se sente fracassada e se pergunta como a professora conseguiu e ela não. A professora precisa fundamentar esta transição para que ela se sinta segura e saiba como lidar com esta mudança de hábitos e costumes da criança. Muitas professoras tendem a julgar o comportamento da mãe, o que não ajuda em nada para superação do problema que enfrenta. É importante se distanciar emocionalmente e acolher, na tentativa de entender e ajudar essa mãe dizendo que a entende. “A escola não é substituta da família” e sim um complemento. No entanto, às vezes pecamos por certas atitudes. Gostamos demais e não sabemos como dividir, isso acontece porque somos humanos, lotados de afeto.

Através das experiências e relações interpessoais a família pode promover e o desenvolvimento intelectual, emocional e social da criança. A família tem um papel central no desenvolvimento da criança, pois é dentro dela que se realizam as aprendizagens básicas necessárias para o desenvolvimento na sociedade. (MOURÃO, 2012)

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pretendo com meu trabalho contribuir de alguma forma para que nós educadores possamos repensar nas práticas utilizadas com relação ao tratamento e acolhimento das famílias, nas creches em que trabalhamos. Busquei através de minha pesquisa, mesmo que de forma indireta, rever conceitos e ao mesmo tempo vivenciá-los na prática. Percebi o quanto falta trabalhar para se alcançar êxito na questão da parceria com as famílias, no entanto, o que me tranquiliza é o desejo de mudança que inunda meu pensamento e o meu olhar.

A maneira de ver a questão mudou, quando senti vontade de fazer algo de diferente com o objetivo de favorecer o bom desenvolvimento das crianças e proporcionar segurança aos pais. Ter autoria e saber fundamentar os ganhos com a participação ativa dos pais na instituição permeará meu crescimento profissional e poderá contribuir ainda mais para que a mudança ocorra por onde eu passar.

O respeito que se estabelece, entre os pais e a creche, facilita na compreensão de casos; contribui para um diálogo consciente e possibilita um melhor atendimento e assistência necessária a criança.

Com meu trabalho busco também mostrar a importância e os benefícios adquiridos com a participação da família na creche, também ressaltar que para que essa parceria aconteça é necessário que o professor faça as devidas intervenções para que ocorra de maneira satisfatória. A reconstrução de hábitos precisa partir diretamente do professor, pois através dessas reconstruções a família passa a conquistar um espaço, podendo intervir de alguma forma e contribuir para um bom desenvolvimento dos filhos e do trabalho da instituição.

Possibilitar essa abertura à família, lhe dará segurança e autoestima, fazendo com que se estabeleça uma relação de cumplicidade e cooperação. Luciana Caetano aponta o papel da cooperação, o que significa operar com, ou seja, estabelecer trocas equilibradas entre família e instituição, de maneira a serem entendidas por todos os participantes dessa troca.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAETANO, Luciana. **Relação escola família**: Uma proposta de parceria. São Paulo: Universidade São Paulo, 2003. Disponível em: <http://www.seufuturonapratica.com.br/intellectus/_Arquivos/Jul_Dez_03/PDF/Luciana.pdf>. Acesso em: 24 out. 2012.

DOWBOR, Fátima Freire. **Quem educa marca o corpo do outro**. São Paulo: Cortez, 2008.

FORTUNATI, Aldo. **A educação infantil como projeto da comunidade**: crianças, educadores e pais nos novos serviços para a infância e a família. A experiência da San Miniato: Porto Alegre, Artamed, 2009.

FREIRE, Madalena. **Educador**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

LACOMBE, Anna Maria. **O nascimento psicológico da criança**: Simbiose e individuação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

MOURÃO, André. A importância da interação entre família e escola na solidificação de valores morais. Disponível em:

<<http://www.pedagogiaaopedaletra.com/posts/tcc-a-importancia-da-interacao-entre-familia-e-escola-na-solidificacao-de-valores-morais/>>. Acesso em: 30 out. 2012.

WINNICOTT, D. W. **A família e o desenvolvimento individual**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.